

## E se o reverso da história chegasse em dobras: os mutantes em Maria Gabriela Llansol

*Celina Martins\**

**RESUMO:** *O livro das comunidades*, de Maria Gabriela Llansol, subverte a narrativa histórica e canónica. Llansol apropria as qualidades e o fluxo da rebelião de místicos e pensadores que transgrediram o pensamento hegemónico. Llansol apoia-se na técnica da sobreimpressão de modo a criar uma ucronia eudemonista a partir da qual São João da Cruz, Ana de Peñalosa, Thomas Müntzer e Nietzsche tornam-se figuras do texto que interagem, segundo o inesperado encontro de energias e de afectos. A metaficção llansoliana cria a cosmogonia do novo, em que o eterno retorno da escrita e da leitura propõe uma geografia espiritual reinventada, dado que fora abolida pela lógica do poder.

**PALAVRAS-CHAVE:** sobreimpressão, ucronia, mística europeia, eterno retorno da leitura e da escrita.

**ABSTRACT:** *The Book of Communities* by Maria Gabriela Llansol is a fragmentary writing which subverts the canonical and historical narrative. Llansol absorbs qualities and the rebellious flow of mystic men and historical thinkers, men who have transgressed the hegemonic thought. She draws upon the technique of overprinting so as to create an eudemonist uchrony in which St John of the Cross, Ana de Peñalosa, Müntzer and Nietzsche become textual figures that interact according to the unexpected encounter of energies and affects. Llansol's metafiction has the creative potential to offer a new cosmogony where the eternal return of reading and writing puts forth a renewed spiritual geography, which had been erased by the logic of Power.

**KEYWORDS:** overprinting, uchrony, European mysticism, eternal return of reading and writing.

---

\* Universidade da Madeira (UMa).

*O ciclo do Renascimento não está concluído; ainda há tempo, para voltar ao seu começo, e reescrever-lhe um novo sentido.*

(Maria Gabriela Llansol, 2005)

*A minha forma de rebeldia foi tão-só a recusa de o viver mutilada.*

(Maria Gabriela Llansol, 1998)

*Escrevo movimento puro.*

(Clarice Lispector, 1999)

Desde a publicação d' *O livro das comunidades* (1977)<sup>1</sup> até *Os cantores da leitura* (2007), Maria Gabriela Llansol (1931-2008) explorou a textualidade fragmentária, cada vez mais depurada, forjando uma escrita questionante e hermética, que molda a miscigenação genológica, segundo o princípio reactivador da metamorfose. Durante o exílio na Bélgica, de 1965 a 1985, por causa da deserção colonial de Augusto Joaquim, seu cúmplice de "fluição" (2000, p. 268), concentrou-se na feitura de uma escrita que dismantela a verossimilhança realista, assente no psicologismo dos personagens. Nos anos setenta, trabalhou numa escola experimental que acolhia os filhos dos estudantes estrangeiros. A desterritorialização permitiu o distanciamento crítico em face de um Portugal inerte e a reflexão sobre os encontros imprevisíveis entre místicos, filósofos e poetas que poderiam ter gerado outros modos de pensar o homem em relação com o seu lugar, imaginário e todas as formas do vivo:

nós dizíamos como a cultura europeia de que a portuguesa faz parte (a um ponto que os portugueses não imaginam), era marcada por encontros de confrontação que não se deram – e poderiam ter sido autênticos recomeços de novos ciclos de pensamento e de formas de viver (Llansol, 1998, p. 105).

Llansol desconstrói o paradigma expansionista dos descobrimentos e a trepadeira do poder porque são regidos

---

<sup>1</sup> Consultámos a segunda edição, de 1999. No corpo do texto, figurarão doravante a data e a página.

---

<sup>2</sup> Itálicos do autor.

pela voragem da posse e acarretam a imposição de modelos dogmáticos. A aventura marítima dos portugueses é um muro que bloqueia Portugal no “*ser histórico em estado de intrínseca fragilidade*” (Lourenço, 2005, p. 25),<sup>2</sup> sem comunicação com um destinatário real. Contra essa herança marcada por guerras e desavenças, a escritora postula o encontro da cultura portuguesa com visionários europeus, numa escrita que valoriza a liberdade de consciência no sentido de criar uma cosmogonia distinta, que redimensione o humano e derrube as distinções de hierarquia. É desde a perspectiva do pensamento e da palavra diferenciados do rebelde que Llansol revela nós fulcrais que a tradição hegemónica não conseguiu apreender. Llansol perscruta e redimensiona os vestígios desses encontros improváveis, diluídos num “gotejar contínuo de acções inacabadas” (Llansol, 2005, p. 47), soterradas num abismo sem fim. Em lugar de apontar para uma visão definida e estática do passado, sob o signo do historicismo oitocentista, Llansol escava e relê as dobras de uma História subterrânea, em que abala o tempo “homogéneo e vazio, antes formando um tempo pleno de ‘agora’” (Benjamin, 1992, p. 166), privilegiando a coexistência de tempos diferenciados e de espaços heterogéneos. Em *Finita*, “diário interrogante sobre o processo da escrita associado às leituras marcantes do quotidiano”, a escritora revela a sua visão avessa à História institucionalizada, legada pelo positivismo, assente na origem, causalidade e linearidade cronológica. Contra o discurso totalizante, Llansol cria a escrita da inquietude na medida em que articula um tempo por vir, constituído pela inter-relação de vários passados simultâneos, no sentido de introduzir fendas e dissonâncias, desfazer o imposto e relançar perguntas sobre a exploração dialéctica do passado:

[...] não suporto a palavra História, e no entanto, há centros de irradiação, tramas sólidas de geografias espirituais, lugares de recorrência, humanos duradouros e perduráveis:

tudo o que encontrar aqui será imperceptivelmente belo, ou tornar-se-á belo (Llansol, 2005, p. 66).

É a partir da cosmogonia perscrutadora das geografias espirituais da Idade Média até ao século XVII que Llansol reescreve e reinventa a História, particularmente, nas trilógicas “A geografia dos rebeldes” e “O litoral do mundo”,<sup>3</sup> assim como em *Lisboaleipzig 1: o encontro do diverso* e *Lisboaleipzig 2: o ensaio da música*. Num imbricamento intratextual elíptico mas coerente, todos esses tecidos intercomunicantes encenam tensões e convívios inauditos entre protagonistas históricos associados ao misticismo (Eckhart, Hadewijch, São João da Cruz, Ibn Arabi), à emergência da liberdade de consciência (Müntzer, Copérnico, Nietzsche), à revisitação transfigurante da cultura portuguesa (Luís M/Comuns/Camões, D. Sebastião/D. Arbusto, Jorge de Sena/Jorge Anés), à travessia do dom poético (Pessoa/Aossê e Johann Bach) e à demanda da Alegria (Espinosa). Todos são transformados na “irmarginação” (Llansol, 2000, p. 268) da escrita mediante a sobreimpressão, processo visual por meio do qual a escritora sobrepõe tatuagens na pele do texto, que respira a sinergia de linguagens polifónicas.

Destituídas do seu passado vivido como silêncio e excomunhão, as figuras<sup>4</sup> migram para a comunidade dos mutantes, que não se reduz a uma série preexistente. Próxima da comunidade de Agamben (1993, p. 11-12), os “fora-de-série” (1999, p. 9) não se cingem a uma essência impositiva. O mutante é um ser do texto que Llansol não cessa de transformar porque é no encontro imprevisto de vibrações e de afectos que todos experenciam o renascer, alimentando-se na criação. Segundo a metáfora do *clinamen* de Lucrecio – turbilhão de forças que opera uma inclinação ou um desvio sobre um estado unidireccional (Mourão, 2003, p. 18) –, o texto de Llansol cria espaços de atracção e de desvio em que as figuras de mundividências diferenciadas interagem e se interpenetram, impelidas pelo novo.

---

<sup>3</sup> Esta trilogia é constituída pelos livros *O livro das comunidades*, *A restante vida* e *Na casa de julho e agosto*. A segunda trilogia integra *Causa amante*, *Contos do mal errante* e *Da sebe ao ser*.

---

<sup>4</sup> No discurso metaliterário de Llansol, o termo “figura” é um dos “nós construtivos do texto” (Llansol, 1998, p. 130) que abala o *continuum* espaço-tempo, desencadeando grandes mudanças de energia “que põem em risco o corpo [...] e modificam a forma de sentir e de viver” (LLANSOL, 1994, p. 142-143).

A partir da leitura de alguns fragmentos d' *O livro das comunidades*, incidiremos na dinâmica do rebelde como “energia vagueante contra-o-mundo, que se desprende, como um odor do místico, que não pôde realizar-se enquanto tal, dada a destruição de toda a geografia eremítica” (Llansol, 1994, p. 110). Ao trazer para a escrita o substrato místico, Llansol coloca-se numa posição de questionamento do literário e dos sistemas unilaterais em que o novo não teve morada. *O livro das comunidades* é o texto seminal a partir do qual Llansol entrecruza a mística, o erotismo e as rupturas dos rebeldes, traçando a “ucronia eudemonista de intenção apocástica” (Barrento, 2008, p. 198). Como observa o crítico, o texto llansoliano não se inscreve no não lugar, nem no lugar-do-não por modelar figuras que estão por vir: é uma ucronia de cariz eudemonista, dado que, para os Estoicos, o eudemonismo visava à felicidade, à ataraxia do sábio e ao abandono dos bens materiais. A apocatástase designa, por etimologia, a reconstituição, o regresso e a repetição, representando o retorno cíclico de períodos da história e a repetição de acontecimentos desaparecidos (Barrento, 2008, p. 149-150). É por meio da repetição intensiva de encontros improváveis que Llansol transforma o eterno retorno do mesmo no eterno retorno da leitura e da escrita.

Foi em Jodoigne que Llansol concebeu *O livro das comunidades*, descrito como a casa de um só quarto e de uma só janela. É a casa da linguagem indagante em processo de fundação, a casa do desprendimento dos místicos que escreveram e agiram fora das regras do sistema hierarquizante, a morada dos errantes que, pela primeira vez, coincidem, sem as amarras de origem, nação, religião e língua. Ao invés dos capítulos característicos do cânone romanescos, o texto segmenta-se em vinte e seis lugares, que moldam a pedra da tradição histórica para a projectar em direcção à “signografia sobre o mundo” (Llansol, 2003, p. 167), na tentativa de grafar o não dito e escrever em consonância com “o espírito da Restante Vida” (1999, p. 11), o verbo que cria outra tradição e memória, feitas de deslocamentos.

Llansol busca detectar dobras de sentido ao encenar réstias de distintas insurreições numa geotextualidade imprevisível. São João da Cruz (1542-1591), fundador da ordem dos carmelitas descalços (1568), deu continuidade ao espírito de renovação de Teresa de Ávila (1515-1582). O anabaptista Tomás Müntzer (1488-1525) falhou na sua tentativa de reforma religiosa na batalha de Frankenhausen. Nietzsche (1844-1900) reescreveu o percurso do ermita Zaratustra, revisitado como o mestre da vontade do poder e do eterno retorno. Os três rebeldes foram forças de mutação que se abateram contra os muros da censura e da intolerância. Martirizado no cárcere de Toledo pelos carmelitas que se opunham à instauração da via contemplativa e ao despojamento como objetivos da ordem, o fluxo inovador de São João da Cruz é bloqueado. O pregador Müntzer escreveu o *Manifesto de Praga*, que visava à purificação da terra e da igreja (1999, p. 51). Morre decapitado pelos príncipes católicos e luteranos reconciliados, de forma a travar o seu projeto. Bloch considera Müntzer como o apóstolo da violência apocalíptica e a voz nuclear da consciência utópica, ao passo que Engels diagnostica no falhanço de Frankenhausen o primeiro anúncio de uma luta de classes (Macherey, 2008). Pensador da teoria do eterno retorno, Nietzsche é o filósofo da morte de Deus. A reescrita de Zaratustra sublinha uma época povoada pelos falsários da verdade e da História. Sem ter sido interpretado de acordo com a inovação radicalizante das suas propostas, Nietzsche desvanecese na loucura e no suicídio. Os defensores do totalitarismo deturpam as suas ideias sobre o super-homem para propagar o nazismo.

São João da Cruz, Müntzer e Nietzsche foram faróis na ilha dos mutantes; a sua luz incidiu na areia da decadência, revelando as marcas da paralisia reflexiva. O seu fulgor, porém, esvaiu-se na “Trama da Existência” (1999, p. 9), tecido que, como Cronos, devora os portadores da seiva múltipla, criadores de mundos de transfiguração dentro de espaços cercados. Em *Finita*, Llansol conclui que

apenas permaneceram nuvens dos fluxos de mudança (Llansol, 2005, p. 47). A escritora captou, contudo, o éter da palavra desses vultos sob a forma de “nuvens sonoras pairando” (Llansol, 2005, p. 98) anunciadoras da tempestade que desassossega os defensores da tradição, todos os que fizeram jejum da liberdade de consciência.

É a partir da apropriação da linguagem dos visionários que estes ganham renovadas potencialidades do agir, segundo o *conatus* de Espinosa (1992, p. 278-280) sobre o qual Llansol se funda como alavanca. São João da Cruz e Ana de Peñalosa são as primeiras figuras a atravessar a luz da ressemantização no valor místico de *experire*, dado que penetram numa escrita sob signo do medo e da imagética do inaudito, que representa uma viragem profunda das modalidades de escrita no contexto literário português.

A partir de uma série de montagens descontínuas entre *flashes* de passados sobrepostos e instantes plenos de devir, São João da Cruz e Ana de Peñalosa absorvem novas corporalidades e fazem ressoar o sopro da *outridade*: adquirem a idade e a alteridade do texto, arfando o sopro da eternidade.<sup>5</sup> No lugar 1, *incipit* destruturador de uma voz narrativa estabilizada, as crianças de uma escola<sup>6</sup> copiam e recitam os versos da “Subida do Monte Carmelo”, de São João da Cruz. Copiar é uma técnica de sobreimpressão omnipresente em Llansol, pois escrever um texto de outro à mão é entrar em ressonância com a voz e pensamento do autor, captar a energia transformante de cada fonema, é deslocar o texto entranhado e ter “a sua presença acentuada” (Llansol, 2002, p. 143-145). A escola é o primeiro espaço de rebeldia que assenta numa pedagogia diferenciada, visto que crianças de estratos sociais e mundividências culturais diferentes ouvem a recitação da professora-amante<sup>7</sup> que dá a conhecer um texto místico numa escola que funciona também como retiro espiritual. Pela mediação da leitura em voz alta, uma forma de orar a leitura, as crianças mergulham na voz de São João da Cruz porque ler tornou-se a vibração transmutante, um exercício de “encan-

---

<sup>5</sup> Adoptámos a tradução do termo “otredad” de Paz com significados distintos (Paz, 1999).

<sup>6</sup> É uma alusão à Escola da Rua Namur, na Bélgica.

---

<sup>7</sup> É a primeira singularidade do texto. Trata-se de uma narradora anónima, determinada a não ter filhos, mas é a amante dos que a visitam na escola, onde transmite o saber místico às crianças. Ela foge às classificações. Tem “uma maneira distante de fazer amor: pelos olhos e pela palavra. E também pelo tempo” (1999, p. 11).

tamento” (Santos, 2008, p. 160). Citam-se os comentários do místico sobre o *topos* da noite, dividida na noite da purgação que suprime todos os apetites e tentações do corpo e a noite da purificação da alma. Llansol é uma esteta e cirurgiã (Compagnon, 1979, p. 31-32), dado que corta, cola e costura um fragmento da obra de São João da Cruz para o transfigurar no corpo da escrita, amalgamado às reacções das crianças. O lugar 1 exhibe a fruição da palavra vivida e partilhada. Não se mitifica o santo, porque a professora permite o riso que tudo relativiza. A presença de São João da Cruz adquire o dom da ubiquidade: “com São João da Cruz que encontraria em qualquer parte” (1999, p. 12). O pensamento do místico adentrou-se no corpo da professora como um companheiro de leitura: a sua leitura e cópia oferecem um *mais-saber* (Llansol, 2000, p. 15)<sup>8</sup> à narradora e ao místico.

Considerando que *O livro das comunidades* é uma hipótese de uma cosmogonia ainda por vir, não é de estranhar que o predomínio da isotopia do sonho, marcada pelos matizes do “sonoler” (1999, p. 13), vibre o desejo de outras paisagens. A pregnância do verbo “sonhar” torna as “cenas fulgor”<sup>9</sup> uma viagem em estado nascente. Sonhar, em Llansol, é percorrer caminhos diversos num ritmo simultâneo, ser transportado por um fluxo, abrir-se à fragmentação e ser hóspede do Outro. Num estado de disponibilidade para a escrita, a narradora sonha “com grupo de homens e São João da Cruz, carmelita descalço, sentado em frente de um forno, a assar carne de carneiro” (1999, p. 12). À visão do místico canonizado sobrepõe-se um retrato, falsamente, trivial, pois existem diversos níveis de palimpsesto em Llansol. Segundo o triângulo culinário de Lévi-Strauss (1965, p. 396-422), São João da Cruz é o cozinheiro, dado que a cozinha é uma mediação entre a natureza e a cultura. Ele é a figura-ponte dos rebeldes que permite instaurar relações revitalizantes entre os místicos cindidos pela engrenagem da História. Inscrito no cru, pois nada consome do mundo terreno, ele passa pela transmutação do fogo: “a

---

<sup>8</sup> Itálicos da autora.

---

<sup>9</sup> É uma técnica compositiva do discurso llansoliano. O fulgor é uma envolvimento que preside à estética de Llansol (2002, p. 21) desdobrando-se na “luz de ler” (Llansol, 2000, p. 195) e no “sexo de ler” em *Jogo da liberdade da alma* (Llansol, 2003, p. 73).

testa começava a bronzear, vermelha, entre ondas de cheiro” (1999, p. 13). A transmutação escritural prenuncia a dimensão ucrónica: Llansol con-funde num mesmo lugar etapas distintas da errância do santo que ora tendem a irromper *in media res*, ora o presentificam num estado de profunda meditação e de êxtase. Sem transição, por meio de um olhar *zoom*, São João da Cruz atravessa a noite obscura, que alude ao poema escrito, entre 1578 e 1582, onde ecoam influxos do *Cântico dos cânticos*. O poema situa-se no momento da fuga do místico do convento de Toledo, onde fora submetido a provação, martírio e desolação interior durante nove meses. Numa dinâmica que adopta o léxico do amor profano, sob a influência do sufi Ibn Arabi (López-Baralt, 1995, p. 38), o poema sublinha os diferentes estados de espírito de uma mulher apaixonada que corresponde à Alma. São João da Cruz percorre os diferentes degraus da treva até alcançar a luz da comunhão com o Amado (Deus). Embora existam níveis de articulação diferenciados, Llansol encontra em João da Cruz o agenciamento da metamorfose sob o signo do misticismo nupcial:

¡Oh noche que guiaste!;  
 ¡Oh noche amable más que el alborada!  
 ¡Oh noche que juntaste  
 Amado con Amada,  
 Amada en el Amado transformada!  
 (San Juan de la Cruz, 2005, p. 484).<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Tradução nossa: Oh noite que guiaste!/Oh noite amável mais que a alba!/Oh noite que juntaste/ Amado com Amada/Amada no Amado transformada!

<sup>11</sup> Ana de Peñalosa tem uma fita de veludo ao pescoço que remete para o óleo *Olympia* de Manet, pintura da transgressão na história da arte que dilui a dicotomia entre a arte clássica e a arte popular ao citar a *Vénus de Urbino* de Ticiano num contexto de dessacralização: a cortesã nua que cobre o sexo é acompanhada por uma criada negra que serve flores a um suposto cliente.

No Lugar 2, Ana de Peñalosa, a benfeitora dos carmelitas de Granada a quem o místico dedicou “A chama de amor viva”, em 1584, passa por um processo de transformação. Incorpora traços da educadora e cortesã anónima do *incipit* ao decifrar no baralho de cartas o jogo de fazer amor.<sup>11</sup> Ana de Peñalosa é a energia da libido que inaugura, em Llansol, a escrita infinda, a prática de ler como técnica de escrita sobreimpresa: “Leio um texto e vou-o cobrindo com o meu próprio texto que esboço no alto da página mas que projecta a sua sombra escrita sobre toda a mancha do li-

vro” (1999, p. 57). No lugar 3, São João da Cruz passa do cru ao apodrecido, está em processo de se tornar cinza em Ubeda. Num seguinte corte abrupto, instaura-se a geografia espiritual ibérica numa confluência polifônica: Ana de Peñalosa conta a sua repentina viuvez, São João da Cruz está em ascensão e a voz de Santa Teresa de Ávila fala de um castelo comparado a um diamante, enxerto do primeiro capítulo das *Moradas* da sua autoria. Além da metáfora da alma vinculada ao castelo, a citação de Santa Teresa tem efeitos de *mise en abyme*. Nas *Moradas*, há uma casa principal, tal como n’ *O livro das comunidades* existe a casa-matriz onde também “se passam as coisas de grande segredo” (1999, p. 17).<sup>12</sup> Para a prática mística em que o crente se questiona como dizer o inefável, São João da Cruz e Santa Teresa de Ávila são rebeldes que enfrentam o paradoxo de falar de um excedente inexprimível por meio de um discurso simbólico. Nesse sentido, a figura errante encontra sinais indecifráveis e animais miscigenados (Coração de Urso), reabilitando o *topos* místico do andar à deriva dos séculos XVI e XVII (Lopes, 1988, p. 25).

Por meio de espelhamentos, Ana de Peñalosa lê “A chama de amor viva” (1999, p. 20) como se fosse um texto que estivesse a ser reescrito pelas suas mãos, as mãos da professora anônima e a mão direita de São João da Cruz no “agora” do acto da enunciação. O místico perdeu a mão esquerda – sinal simbólico que relembra um possível castigo da censura –, no seu lugar irrompe a página que evoca a sua errância pelo deserto de Peñuela. Em virtude da dinâmica subversiva do sonho, o dia torna-se, de súbito, noite: indício de outro rito de passagem. Absortos na luz da vela, São João da Cruz e Ana de Peñalosa exilam-se da História no momento em que as suas caligrafias se fundem e, em posição fetal, ambos renascem com “a boca suja do leite das palavras” (1999, p. 22). A libido como força impulsiva da ficção sugere que a isotopia do acto sexual é um acto gestatório de novos textos. Quebra-se, por conseguinte, a lógica da origem, a autoridade do escritor no valor de

<sup>12</sup> Em *Teoria da des-possessão*, Lopes sublinha os elos místicos em Llansol. A palavra “mística”, em grego, provém da raiz verbal *myéo*, que significa “fechar”. O vocábulo está associado ao mistério, *mysterion*. O sufixo *-terion* remete para um lugar fechado, somente acessível aos iniciados dentro da lógica dos ritos esotéricos. A densidade e a progressiva fragmentação do texto incentivam o leitor a reaprender a ler. O leitor é também um mutante. Ler é estar na disponibilidade afectiva de acolher os nós de intensidade que se reiteram de texto em texto.

---

<sup>13</sup> Adoptamos o termo “afectos” no valor espinosiano. Espinosa atravessa a obra de Llansol como figura e leitura transfiguradora da sua maneira de pensar, ler e escrever com o corpo e modelar o mundo. Em *Lisboaleipzig I*, Llansol escreve: “o instrumento de criação são os afectos. Estes serão tanto menos percíveis, fugazes e acidentais, quanto mais se revelar no humano amado, a figura do amante. Até que o Amor tome figura humana, e o dom poético se manifeste no carisma que a todo o homem foi entregue: o de continuar, com a sua consciência livre, a criação do mundo” (1994, p. 112).

<sup>14</sup> Itálicos da autora.

voz monológica e o cânone como Medusa que petrifica o literário em ficheiros estanques. “A chama de amor viva” não é somente intertexto, é o texto que está a ser escrito pela fusão de afectos<sup>13</sup> entre São João da Cruz e Ana de Peñalosa. O místico transforma-se na figura do “*entresser*”<sup>14</sup> (Llansol, 1985, p. 19), pois transita do seu passado para o devir múltiplo. Entre duas mulheres distintas mas cujas vozes se sobrepõem por serem abrigo de energias, o pensamento do místico é redinamizado pela professora pela via do ensino e continua a ser reelaborado na e pela leitura de Ana de Peñalosa: a mão que o reactualiza e a sua mãe póstuma.

São João da Cruz olhou a vela como a perguntar-lhe o que, a seguir, iria a escrever [...] e a cera, luzente, na base lembrou-lhe o esperma depositado no ventre da mãe, sua mãe do livro; havia duas velas mais baixas encostadas à vela acesa e o livro aberto apresentadas as páginas ligadas por um sulco.

A Viva Chama não foi escrita a frio, diz o Prólogo. Se as palavras têm um sentido: ultrapassa tudo o que se poderia conceber e estilhaça aquilo em que queríamos encerrar [...]

Ele via sua mãe no auge do êxtase e pensou, sem o escrever, num barco ou num espelho no alto de uma vaga: a página dos olhos ocupava o centro da parede e era cem vezes maior do que o seu corpo. Teve então medo e o lápis pareceu-lhe a ponta de um seio, que levou à boca. Ana de Peñalosa estava suspensa na página e, ele ao seu colo. Embalava-o, mas amplitude da sua voz era a de um coro e principiou a perceber na sombra as várias fisionomias dos irmãos que cantavam tu procuras-me, mas eu te procuro ainda mais. Tudo está por ser dito e o resto do comentário não descreverá um momento da História (1999, p. 26).

A réstia de cera da vela convoca, por metonímia, o esperma, e o lápis torna-se o seio protector da inesperada mãe num gesto de reinvenção do tempo. A metaficção reincorpora ecos do prólogo do poema “A chama de amor

viva”, em que “o espiritual excede o sentido” e o amor místico arde na sua perene flama (San Juan de la Cruz, 2005, p. 913), impregnando, por empatia e contágio, os vinte e seis fragmentos da “cor falante do fogo” (1999, p. 26). A sinestesia concilia o fogo místico, o fogo da batalha perdida de Frankenhausem e o fogo do Apocalipse. Ao contrário da História oficial, as palavras do texto não se cingem a um sentido unidimensional e conclusivo, elas prolongam o enigma, tal como ocorre na experiência mística e no texto literário. Durante a cena, imbuída de visões extáticas dos místicos, Ana de Peñalosa interioriza a Alteridade, pois acolhe e sente o Outro dentro de si. Absorve “o coro de vozes” que remete para as homílias e para o canto subversivo dos camponeses de Frankenhausem, suturando as dobras que a História nunca fez. Por isso, nada foi, tudo está por ser reescrito: é crucial que o encontro entre São João da Cruz e Müntzer tenha lugar.

Ana de Peñalosa torna-se a Mãe do metatexto e a rebelde que se une à priora de Segóvia, Ana de Jesus, na transfiguração dos perseguidos. Seguindo “o espírito da despossessão” (1999, p. 60), Ana de Peñalosa despoja-se do seu papel secundário, impresso nas linhas da História, para adquirir os atributos da beguina, porque cura São João da Cruz ao desvanecer as marcas do martírio: o santo torna-se João num gesto de refiguração. Ana oferece-lhe um novo rosto mediante a transfusão do *escreler*:<sup>15</sup> “Nascido sem agonia, o rosto de João estava cheio de paz e contentamento, de uma beleza especial que não é a de um cadáver [...] é preciso comê-lo realmente” (1999, p. 24). Dois aspectos de relevo merecem comentário. Por um lado, é mediante a energia do júbilo rejuvenescedor de Espinosa que Llansol redimensiona o verso da “Chama de amor viva”:

¡Oh toque delicado!,  
que a vida eterna sabe  
y a toda deuda paga  
matando, muerte en vida la has trocado

(San Juan de la Cruz, 2005, p. 914)<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> *Escreler* é uma amálgama propícia para descrever o trabalho de interdependência da escrita e da leitura que nos apropriamos de João Barrento, director do Espaço Llansol.

---

<sup>16</sup> Tradução nossa: “Oh toque delicado!/ que a vida eterna sabe/ e toda dívida paga;/ matando, morte em vida transformada.”

A morte dos insurrectos é uma passagem transitória, que se transforma em incessante recomeço e renascimento. Por outro lado, “comer” São João da Cruz é uma escolha antropófaga que consiste na devoração e na absorção da Alteridade. Por emulação, Llansol incorpora no texto as qualidades do místico, “o actor da palavra” (1999, p. 19) nos sentidos de poeta, comentador da sua poética e pensador de uma reforma religiosa. Por afinidade electiva, Llansol reconfigura o místico que interiorizou o percurso do desprendimento, seguindo a via especulativa de Eckhart (1987, p. 20).<sup>17</sup> O desprendimento é um dos princípios da travessia da noite obscura que supõe o ascetismo e a interiorização progressiva da luz tenebrosa da fé. O *topos* da *noche oscura* reveste-se de um simbolismo carregado de conotações iniciáticas, que sobrepõem o nada, a cegueira do espírito, a captação de diferentes penumbras até atingir a luz e aceder ao êxtase com o divino (Sesé, 2009, p. 27-37).

Em Llansol, aceder à luz da noite, segundo a retórica oximórica dos místicos, é um rito de passagem, uma vez que todas as figuras transitam pela noite obscura para se transformarem em seres textuantes e propulsores de uma revolução latente vinculada à “apocatástase profana” (Barranto, 2008, p. 150). Graças à peregrinação que pressupõe percorrer “a via do rio, a via dos pinheiros e a iluminação da vela” (1998, p. 27), São João da Cruz é o nómada que atravessa a mutabilidade, na esteira de Heráclito (2005, p. 459),<sup>18</sup> passa pelo rio da escrita mas contorna o rio do tempo. Divaga pela natureza como se ela fosse um “texto profético” (Llansol, 2005, p. 59), no intuito de interpretar os seus sinais conducentes ao êxtase. São João da Cruz é o mestre da generosidade (Llansol, 1992, p. 320), de acordo com diversas camadas de leitura. Segundo a *Ética* de Espinosa, a generosidade “é o desejo pelo qual um indivíduo se esforça por ajudar aos outros homens e por se unir a eles pelo laço da amizade, em virtude apenas do ditame da razão” (1992, p. 329). Como a generosidade é um dom de abertura para o Outro, São João de Cruz é um dos místicos que faculta a Llansol a apreensão do homem como “po-

---

<sup>17</sup> Eckart escreveu: “Le détachement tend vers un pur néant, car il tend vers l'état le plus haut, dans lequel Dieu peut agir en nous entièrement à sa guise [...] le détachement [...] rapproche l'âme, purifie la conscience, allume le cœur et éveille l'esprit, il donne de la rapidité au désir, il surpasse toutes les vertus: car il nous fait connaître Dieu, il sépare de ce qui est de la créature et unit l'âme à Dieu. Car un amour partagé est comme l'eau répandu dans le feu, mais un amour unique est comme un rayon plein de miel (1987, p. 28). Tradução nossa: “O desprendimento direcciona-se para o puro nada, porque movimenta-se para o estado mais supremo, no qual Deus pode actuar em nós conforme a sua vontade [...] o desprendimento [...] reapropria a alma, purifica a consciência, ilumina o coração e desperta o espírito, acelera o desejo, ultrapassa todas as virtudes: porque nos faz conhecer Deus, ele separa o que pertence à criatura e une a alma a Deus. Porque um amor partilhado é como a água prolongada no fogo, mas um amor único é como um raio pleno de mel”.

<sup>18</sup> Fragmento 91: “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio”. Tradução nossa.

bre”, despojado das tentações da posse. Por ser uma leitura de referência, São João da Cruz é o mediador que a leva a ler outros místicos como Eckhart e a repensar o silêncio alienante em torno de Müntzer (Llansol, 1994, p. 89). Em *O livro das comunidades*, São João da Cruz acolhe os rebeldes na sua diferença, operando “o milagre de esconder o corpo de quem perseguiram” (1999, p. 31). Num processo autorreflexivo com o leitor, o mestre da generosidade foi a clareira que iluminou o caminho da escrita de fulgor *d’O livro das comunidades*, dado que o título do livro figura como um texto integrante das *Obras completas* de São João da Cruz numa sobreimpressão infinda de escritas que interagem (1999, p. 49) como folhas de húmus. O texto llansoliano faculta ao pensamento e poesia do místico a possibilidade de ser lido em inter-relação com outros textos místicos e como leitura de redenção.

O mestre da generosidade percorre a travessia benéfica do deserto (1999, p. 21), em que examina o seu deserto interior em busca de autognose e da via contemplativa e purificativa. No lugar 8, João da Cruz erra com Müntzer num deserto anelar, que associa a simbólica do Apocalipse de São João ao massacre de Frankenhausem. A derrota dos camponeses é o acontecimento em que a mística se esvai em revolta (Llansol, 1994, p. 110). É, precisamente, sob o modelo escatológico, que São João da Cruz e o combatente Müntzer vivem a morte de trinta mil camponeses, cujas peugadas “ficaram perdidas no deserto” (1999, p. 42). O texto repele o silenciamento da História e será a partir *d’O livro das comunidades* que Llansol ensaia dar outro desfecho à derrota de Frankauhaussen (Llansol, 1994, p. 93).

O Müntzer violentado pelas forças do poder recebe a fecundidade da escrita de Ana de Peñalosa que o regenera como filho. São João da Cruz também revitaliza o irmão ao restituir pela escrita o seu corpo desgarrado:

São João da Cruz ergueu o seu outro rosto, [...] principiou a bordar palavras com o dedo sobre o corpo incompleto de

Müntzer. Ana de Peñalosa olhava os seus dois filhos, lia a escrita que cobria as costas do decapitado. Da sua respiração saíam sons rápidos e atónitos, ouvia-se o vento que os acompanhara desde o deserto.

Ana de Peñalosa deitou-se para trás, a cabeça de Müntzer nascia das suas pernas, adulta, os olhos dificilmente des-cerrados (1999, p. 50).

A sombra de *Assim falava Zarastustra* perpassa nos primeiros treze lugares d' *O livro das comunidades*. O facto de São João da Cruz e Müntzer se transformarem em crianças é uma releitura de Nietzsche que retoma o fragmento de Heráclito 70 (2005, p. 76).<sup>19</sup> Eis o texto de Nietzsche: “a criança é a inocência, e o esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira sobre si, um movimento, uma santa afirmação” (Nietzsche, 2006, p. 65).<sup>20</sup> Se os dois rebeldes se tornam crianças é porque eles se projectam no futuro da comunidade, carregam a força de modelar o novo e criar valores de liberdade em consonância com a geografia do litoral do mundo. Os rebeldes como crianças experenciam o lugar como encontro de vibrações liberados do fardo do poder e da tradição monolítica.

De modo imprevisível, Nietzsche imbrica-se na poesia portuguesa por meio da carta que Ana de Peñalosa lhe escreve na qual se evidenciam citações do poema “Menino da sua mãe”, de Fernando Pessoa. O trânsito de Pessoa pela escrita llansoliana pressupõe uma possível mutação de duas energias silenciadas que não alcançaram receptividade na sua época. A carta “Texto ao Sol submetido” sobreimprime no eterno retorno do mesmo uma releitura paródica de *Assim falava Zarastustra*, que, por sua vez, é uma paródia de várias paródias. O Zarastustra de Nietzsche encena um eremita-profeta, esquecido pela sociedade, que não consegue anunciar a teoria do eterno retorno, pois, quando está prestes a formulá-la, adoece (Nietzsche, 2006, p. 244 e p. 272). Segundo Deleuze, Zarastustra cai doente porque é aterradora a ideia cíclica de que tudo volte ao mesmo (2009, p. 36). No plano da

---

<sup>19</sup> Fragmento 70 “Jogos de crianças, as opiniões humanas”.

---

<sup>20</sup> Consultámos a versão francesa, por isso, propomos a nossa tradução.

História hegemónica, os sábios e rebeldes foram bloqueados. Zaratustra é, por um lado, a figura que aponta para a leitura crítica do declínio do eremita como sábio, visto por Llansol como um corte histórico pouco analisado (Llansol, 1994, p. 120).

Por outro lado, é também necessário que o texto de Llansol atravesse *Assim falava Zaratustra*, porque marca a ruptura da historicidade pela recorrência do eterno retorno no valor de transgressão. O olhar de Nietzsche é uma força intempestiva. Zaratustra confia nos homens superiores porque são aqueles que sabem o significado da morte de Deus. Por isso, o eremita imagina-os como possíveis discípulos. Embora empenhados em substituir os valores divinos por valores humanos, eles revelam a sua fraqueza quando fogem em face do signo do leão, indicador da destruição de todos os valores instituídos (Deleuze, 2009, p. 45). Os homens superiores são incapazes de rir e de brincar. Durante a festa do burro, um terrível ressurgimento de dogmas se prenuncia. O riso do homem mais feio desmente, contudo, o risco de dogmatização (Nietzsche, 2006, p. 372-376). O riso abre a senda do desaprender, oferece leveza e dilui a gravidade dos conceitos fossilizados. Como observa Deleuze, Zaratustra compreende que o Eterno Retorno é a repetição selectiva, “a Repetição que salva” (2009, p. 37).

É contra “o reumatismo dos conceitos” (Llansol, 2000, p. 227) que Llansol também se inscreve como escritora rebelde que adopta o riso transgressor: “Vou cruzar o canónico com o apócrifo” (Llansol, 2003, p. 67). A figura de Nietzsche atravessa o rebaixamento medieval (Bakhtine, 1970, p. 29). É necessário que morra o Nietzsche canonizado para que renasça Friedrich N, segundo os desígnios de Ana de Peñalosa. A metamorfose do filósofo é um processo ambivalente de despojamento e de violência. Nu e calvo, Ana de Peñalosa cobre-o com uma túnica como se lhe oferecesse, por metonímia, a força de um místico. Convertido num animal pérfido e imóvel, com o sexo arrancado, Nietzsche agoniza. É devorado pelo porco Eckhart. O

niilismo de Nietzsche é transformado pelo espírito religioso do místico. Llansol reactiva as metamorfoses de Zaratustra. Em vez de o espírito se tornar camelo, o camelo em leão e o leão em criança, que correspondem aos diferentes estádios de destruição e renovação dos sistemas impostos, o espírito de Nietzsche atravessa a Alteridade de Eckhart por ser o místico que meditou sobre o instante pleno (*aion*). Llansol recupera a vibração do sermão 10 “Stella matutina”, de Eckhart.<sup>21</sup> O excerto do sermão surge sob a forma gráfica de um versículo:

<sup>21</sup> “Si je prends un fragment du temps, il n’est aujourd’hui ni hier. Mais si je prends « maintenant », il contient en soi tout le temps” (Eckhart, 1987, p. 110-111).

se eu me concentrar num fragmento do tempo  
 não é hoje, nem amanhã  
 mas se eu me concentrar num fragmento do tempo,  
 agora,  
 esse fragmento revelará todo o tempo (1999, p. 67).

Todo o *Livro das comunidades* é a indagação do instante epifânico que fractura o *contínuum* da história no intuito de devolver a cada rebelde o seu instante de singularidade e de entrecruzamento de energias. Após o rito de transformação, Ana de Peñalosa e Nietzsche copiam um texto inconcluso, alusão sub-reptícia ao *Livro das comunidades*. Concordamos com Eiras (2005, p. 21) quando comenta que a figura de Nietzsche é uma “possibilidade de devir de São João da Cruz” não só porque ele devolve ao livro a fluidez da escrita, como também por se exilar dos seus textos e adoptar a faculdade contemplativa. Ana de Peñalosa e Nietzsche concebem um novo ser, um híbrido, feito de traços de monstro e de texto (1999, p. 75). O monstro-texto é o próprio livro que lemos, que provoca o medo, segundo o prólogo (1999, p. 10). Se relembrarmos ainda que o monstro se associa à etimologia do verbo *mostrare* no sentido de “prescrever a via a seguir” (Gil, 2006, p. 73), o monstro-texto anuncia o lugar da anulação em que todas as formas vivas têm a sua palavra a dizer e o seu devir.

Ana de Peñalosa estabelece uma relação entre o peixe Suso e o porco Eckhart, que forja uma geografia espiritual

esquecida entre o discípulo e o seu mestre. É pela mediação do peixe Suso que Ana de Peñalosa borda e escreve os sermões de Eckhart que “penetram a água gota a gota” (1999, p. 61). Tudo se restitui pela faculdade do eterno retorno da cópia, da metamorfose das figuras e do eterno retorno da leitura e da escrita sobreimpresa. Ler e escrever equivalem-se: “Com um livro escreve-se outro livro. Como um livro é vegetal (1999, p. 58).” A metáfora do vegetal sugere que o texto é uma forma do vivo que contém o germe do recomeço e da regeneração. De acordo com o sentido etimológico de ler, Llansol recolheu rastros de vários rebeldes para refundar nas entranhas da textualidade a comunidade de visionários ligados por “uma coerência, e não por uma identidade” (1999, p. 92). Cabe à Mãe do metatexto ser a dinamizadora do eterno retorno da leitura e da escrita que realiza o percurso renovado do ermita: “a solidão não é mais que a salvaguarda da escrita quando o desejo se apresenta” (1999, p. 61). Ela está na disponibilidade receptiva de aprofundar o saber transmitido. A rebelde penetrou nas vísceras da sobreimpressão e será “um feixe de seres” (Llansol, 1996, p. 37) em incessante errância.

N’ *O livro das comunidades*, os rebeldes históricos não são alegorias. Todos tornam-se receptáculos de energias abertos à mobilidade atraídos por um envolvimento libidinal. O livro é o *locus* dos semelhantes na diferença em que os “seres têm um sentimento final de que há um lugar onde chegarão à sua coincidência” (Llansol, 1998, p. 129). O texto produz-se nas margens do institucionalizado para indagar a comunidade no sentido de “epifanias do mistério” (Llansol, 1994, p. 85).

O texto é um dispositivo de questionamentos a partir dos cortes dissonantes das figuras dos rebeldes: Como repensar a História sem aprofundar, em termos de um estudo comparatista, os movimentos anunciadores da liberdade de consciência? Como destravar a vertigem galopante do Poder sem ler os textos dos místicos europeus que têm ne-

xos com os mestres do Budismo, dada a força do desprendimento em Eckhart e São João da Cruz?

Se ponderarmos que, desde o século XVI até os nossos dias, as utopias desembocaram na decepção, se pensarmos que o massacre de Frankenhausem teve desdobramentos em Auschwitz, Hiroshima e Tiananmen (em proporções menores), se reflectirmos sobre os conflitos étnicos, políticos e religiosos que continuam a dilacerar o homem em guetos de violência e de intolerância, a leitura do texto llansoliano é uma indagação espiritual do novo. É a ucronia com lampejos de esperança que anuncia a comunidade dos mutantes, que constroem a escrita da meditação e do encontro, geradora do interdiálogo entre os místicos europeus e os místicos do Oriente.<sup>22</sup> E se o reverso da História chegasse em dobras? *O livro das comunidades* desfaz a parábola do Anjo da História, baseada no quadro *Angelus novus*, de Klee (Benjamin, 1992, p. 162), que contempla, impotente, o acumular das ruínas do passado, sem poder intervir sobre a paisagem devastada diante dos seus olhos atónitos, empurrado para o futuro por uma tempestade. O primeiro texto de fulgor de Llansol é a dobra reduplicada infinitamente em que não se acredita numa utopia, mas se reescreve um lugar compósito e belo que possibilita o convívio dos rebeldes na sua diversidade e devir. É a dobra dos viandantes da noite obscura “que se dispõem a virar do avesso as próprias estrelas que orientam as suas vidas” (Llansol, 1994, p. 136).

---

<sup>22</sup> Llansol leu os místicos sufis. Uma mística comparada é um tema ainda negligenciado no universo llansoliano.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Lisboa: Presença, 1990.
- BAKHTINE, Mikhaïl. *L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Âge*. Paris: Gallimard, 1970.
- BARRENTO, João. *Na dobra do mundo*. Estudos llansonianos. Lisboa: Mariposa Azul, 2008.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre arte, técnica, linguagem política*. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

- COMPAGNON, Alain. *La seconde main ou le travail de la citation*. Paris: Seuil, 1979.
- CRUZ, San Juan de. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Lisboa: Presença, 2009.
- ECKHART. *Sermons*. Paris: Seuil, 1987.
- EIRAS, Pedro. O texto sobrevivente. Lendo três lugares d' *O livro das comunidades*. *Jade - Cadernos llansolianos*, Lisboa-Sintra, n. 5, p. 3-32, 2005.
- ESPINOSA, Bento de. *Ética*. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.
- GIL, José. *Monstros*. Lisboa: Relógio d'Água, 2006.
- HÉRACLITE. *Fragments*. Paris: PUF, 2005.
- LÉVI-STRAUSS, Henri. *Mythologiques III*. Paris: Plon, 1965.
- LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Lisboaleipzig 1*. O encontro inesperado do diverso. Lisboa: Rolim e Maria Gabriela Llansol, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Causa amante*. Lisboa: Relógio d'Água e Maria Gabriela Llansol, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Um falcão no punho*. Lisboa: Relógio d'Água e Maria Gabriela Llansol, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O livro das comunidades*. Lisboa: Relógio d'Água e Maria Gabriela Llansol, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Onde vais, drama-poesia*. Lisboa: Relógio d'Água e Maria Gabriela Llansol, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O senhor de herbais*. Breves ensaios literários sobre a reprodução estética do mundo, e suas tentações. Lisboa: Relógio d'Água e Maria Gabriela Llansol, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O jogo da liberdade da alma*. Lisboa: Relógio d'Água e Maria Gabriela Llansol, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Inquérito às quatro confidências*. Lisboa: Relógio d'Água e Maria Gabriela Llansol, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Finita*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.
- LOPES RODRIGUES, Silvina. *Teoria da des-posseção*. Ensaio sobre textos de Maria Gabriela Llansol. Lisboa: Blackson, 1988.

LÓPEZ-BARALT, Luce. *San Juan de la Cruz y el Islam*. Madrid: Hiperión, 1995.

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Gradiva, 2005.

MACHEREY, Pierre. *Ernst Bloch. L'esprit de l'utopie (Geist der Utopie) 1918-1933*. Université de Lille. Disponível em: <<http://stl.recherche.univ-lille3.fr/seminaires/philosophie/macherey/macherey20082009/machere>>. Acesso em: 24 Jun. 2008.

MOURÃO, José Augusto. *O fulgor é móvel* – em torno da obra de Maria Gabriela Llansol. Lisboa: Roma, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ainsi parlait Zarathoustra*. Paris: Garnier-Flammarion, 2006.

PAZ, Octavio. *La casa de la presencia. Poesía y historia*. Barcelona: Gutenberg, 1999.

SANTOS, Etelvina. *Como uma pedra-pássaro que voa*. Llansol e o improvável da leitura. Lisboa: Mariposa Azual, 2008.

SESÉ, Pierre. La poétique de la nuit selon Saint Jean de la Croix. Paris, *Sigila*, n. 23, p. 27-37, 2009.

